

Políticos culpam legislação atual

André Dusek/AE—21/10/91

BRASÍLIA — Há consenso entre políticos do governo e da oposição de que é preciso pelo menos tentar combater a principal causa da proliferação dos blocos e bancadas informais no Congresso: a fragilidade dos partidos. O coro a favor de mudanças na legislação eleitoral-partidária une desde o presidente Fernando Collor até o PT, passando pelos presidentes do PMDB, Orestes Quércia, e do PDS, Paulo Maluf. Todos concordam que é necessário acabar com a farra partidária, que permite a existência atualmente no Brasil de 35 partidos políticos, sendo que 20 com registro definitivo, 15 com registro provisório e 17 com representação no Congresso.

“O quadro atual é anárquico e oferece o risco de ingovernabilidade e descontrole”, afirma o líder do PRN na Câmara, deputado José Carlos Vasconcellos (PE). As mudanças na legislação, segundo o consenso geral, devem tornar mais rígidos os critérios para a formação de partidos.

Além disso, pretende-se restabelecer a fidelidade partidária, principalmente se o parlamentarismo for escolhido como regime de governo no plebiscito do próximo ano e for criado o sistema de voto distrital misto. “Com a proliferação das legendas de aluguel, a liberdade partidária virou sinônimo de negócios e maracutaias”, observa o ex-líder do PT na Câmara, deputado José Genoíno (SP).

Lentidão — Um dos efeitos negativos da anarquia partidária é o andamento lento dos trabalhos na Câmara e no Senado, que



Íbsen

“Um partido pequeno pode obstruir votação”

poderia ganhar mais fluidez com menos partidos e uma legislação mais rigorosa. “Um partido com seis deputados pode obstruir a votação de um projeto por mais de um ano, o que acaba por passar a idéia de que a democracia não funciona”, diz o presidente da Câmara, deputado Íbsen Pinheiro (PMDB-RS).

Por enquanto, a nova Lei Orgânica dos Partidos Políticos, que tramita na Câmara, está em compasso de espera. Mas é quase certa que ela seja votada no segundo semestre, depois das eleições municipais em outubro. Com a nova relação de forças impostas pela eleição, esse será, conforme diz o presidente Collor, o período mais “fértil” para começar essa discussão. (G.E./R.C)